



RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS E EXERCÍCIOS PARA O ENSINO DE LÍNGUAS

Alan Ricardo Costa
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 1 – Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

Recursos Educacionais Abertos (REA) são materiais educacionais situados em domínio público ou compartilhados com licenças que permitam sua livre reutilização, adaptação e distribuição, segundo o conceito global da UNESCO (2012). Ações envolvendo REA vêm se consolidando em muitos países ao redor do mundo nos últimos anos, por duas razões principais: (1) a contribuição direta de tais projetos na democratização do saber e na quebra de barreiras (econômicas, geográficas, culturais, linguísticas...) na educação (COSTA, 2017), e (2) o enriquecimento da prática docente, que, por meio dos REA, pode atuar de forma mais colaborativa com os colegas educadores e adaptar/personalizar seus materiais didáticos (OKADA, 2011; COSTA; FIALHO, 2017). Adaptar um material didático para a realidade e o contexto sociocultural do aprendiz pode configurar um ensino de línguas mais condizente com as necessidades discentes, e uma construção do saber mais significativa.

No atual contexto de ensino remoto emergencial, em função do Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), os REA assumem maior importância: a diversidade de condições sociais e econômicas, sobretudo em termos de acesso à educação, na atualidade, demanda ainda maior grau de personalização e adaptação de métodos e práticas pedagógicas. A educação, de modo geral, e o ensino de línguas, mais especificamente, exigiram reinvenção quase que instantânea de professores de todos os níveis de ensino do país.

Considerando o impacto do isolamento social e do ensino remoto, e a importância de manter – dentro do possível – práticas pedagógicas, sobretudo para a alfabetização e o pleno desenvolvimento linguístico dos aprendizes, cabe questionar: como têm se dado o ensino de línguas durante a pandemia? Mais pontualmente: os REA podem contribuir para praticar o uso de línguas e linguagens na atualidade? De que forma os REA podem ser empregados para que os estudantes possam exercitar o uso da língua de forma contextualizada e significativa?

Haja vista as considerações prévias, com o presente trabalho, de caráter qualitativo-argumentativo, tenho por objetivo discutir o uso de REA para mediar o ensino de línguas no ensino remoto emergencial. Meu objetivo específico é discutir o papel dos exercícios no ensino de línguas e a importância de eles serem personalizados e adaptados às necessidades específicas de cada aprendiz, razão pela qual a reflexão sobre o tema deve perpassar o conceito de REA.

Para tanto, primeiramente é necessário revisitar algumas questões referentes ao uso de exercícios para a aprendizagem de línguas. Tópico tão antigo quanto polêmico, o uso de “exercícios” e seu prestígio foram variando significativamente ao longo da história no ensino de línguas, pendendo entre o rechaço total, o uso deliberado e a dúvida sincera por parte dos docentes. O rechaço é aquele que emerge em determinadas épocas, quando a acepção de “exercício” recai sobre aquela prática puramente repetitiva ou descontextualizada de estruturas linguísticas, razão pela qual o exercício é criticado. O uso deliberado de exercícios, em contrapartida, se dá quando professores, de modo geral, percebem que estes “cabem” nas limitações de tempo-espço da sala de aula, e dão conta do número considerável de estudantes em um grupo escolar, por exemplo. Finalmente, temos a dúvida sincera do professor de línguas, que se dá quando tal profissional nota que, no que tange aos exercícios, há uma batalha entre a teoria e a prática, sintetizada pela oposição de opiniões divergentes entre a universidade e a escola (LEFFA, 2008). A universidade representa a teoria, lança as tendências teóricas, e comumente vê os exercícios como behavioristas, anacrônicos e incompatíveis com o ensino moderno. A escola, por sua vez, representa a prática, é o espaço onde a prática de ensino de línguas acontece, e no qual nem sempre os educadores conseguem acompanhar as tendências teóricas. Na batalha entre teoria e prática não há vencedores, há descompassos: a prática não nega a teoria, ela a ignora (LEFFA, 2008).

Subjacente a este trabalho há o suporte teórico de pesquisas recentes da seara da Linguística Aplicada (LA), que cada vez mais lança mão de teorias do Paradigma da Complexidade (MORIN, 1977; 2000) para dar conta de questões e fenômenos de ensino de línguas. Nesse viés, interpreto que o ensino de línguas pode ser balizado por aquilo que o Paradigma da Complexidade tem denominado como “princípio hologramático”, ou de fractalidade, isto é, um princípio que concebe que não somente a parte se inscreve no todo, mas o todo se inscreve na parte (MORIN, 1977). Levando esse princípio ao ensino de línguas, e interpretando que não existe o todo sem as partes, assim como não existe a parte sem o todo, Leffa (2008) advoga em favor de uma concepção de

aprendizagem de língua que não se restringe ao ato de completar frases, imitar modelos ou fazer exercícios, mas também não os exclui. Em outras palavras: o exercício serve para praticar e aprimorar partes específicas da língua, partes importantes desse todo mais complexo.

Corroborar essa leitura complexa sobre o assunto e esse posicionamento de parcimônia e oposição ao maniqueísmo sobre os exercícios no ensino de línguas um número crescente de pesquisas do campo das neurociências atuais (COSTA; BORSATTI; GABRIEL, no prelo). Tais estudos apontam para a importância do papel do exercício, necessários à medida que desenvolvem o automatismo de certas operações e possibilitam aos aprendizes maior fluência na língua (LEFFA, 2008). Com o respaldo de tais estudos, defendo que não há como aprender certas estruturas linguísticas sem eventuais ações práticas e repetições. O cérebro, por sua alta plasticidade (COSTA; TASCH; SILVA, 2019), não aprende (no sentido lato de apreender) certas estruturas linguísticas incomuns, por exemplo, sem passar por elas e exercitá-las um número significativo de vezes. A ideia de que se aprende a fazer fazendo – tão antiga quanto a própria história da Humanidade, iniciada possivelmente com a repetição do movimento necessário para fazer fogo com a pedra lascada (LEFFA, 2008) – é revisitada e ressignificada nas neurociências: praticar ainda é importante (COSTA; BORSATTI; GABRIEL, no prelo).

A metáfora do exercício para a saúde do corpo (LEFFA, 2008) cabe aqui: assim como determinados exercícios podem melhorar o movimento da mão, por exemplo, e sanar possíveis dores nos dedos ou nas articulações, determinados exercícios podem enriquecer a aprendizagem de línguas. Exercitar certas estruturas linguísticas é pertinente, pois a parte exercitada, ao passo que é aprimorada, qualifica o todo (a língua de forma holística, complexa).

A conclusão maior deste trabalho é a necessidade de o professor avaliar e ponderar sobre quais exercícios podem contribuir com o processo de aprendizagem de língua de cada estudante. Para tanto, o docente pode contar com os REA de ensino de línguas: ao professor cabe sopesar sobre quando, como e quais exercícios usar; ao REA cabe a função executiva de facilitar a implementação e o uso desses exercícios no contexto de ensino, incluindo o ensino remoto emergencial em tempos de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Exercícios; Ensino de Línguas; Recursos Educacionais Abertos.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Alan Ricardo. Identificando e rompendo mais barreiras no movimento para uma Educação Aberta: reflexões para (e com) professores de línguas. In: FAGUNDES, Angélise; ZIESMANN, Cleusa Inês. (Org.) **Construindo a profissão: a formação de Professores de Línguas e Literaturas**. Santa Maria: Caxias, 2017, p. 9-30.
- COSTA, Alan Ricardo; FIALHO, Vanessa Ribas. Ontem, hoje e amanhã: sobre a web e as ferramentas colaborativas emergentes para o professor de língua estrangeira. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 147-173, 2017.
- COSTA; Alan Ricardo; BORSATTI, Débora; GABRIEL, Rosângela. **Exercícios no ensino de Línguas Estrangeiras em tempos de pandemia: opções de recursos tecnológicos**. No prelo.
- COSTA, Alan Ricardo; SILVA, Peterson Luiz Oliveira da; JACÓBSEN, Rafael Tatsch. Plasticidade cerebral: conceito(s), contribuições ao avanço científico e estudos brasileiros na área de Letras. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 457-476, 2019.
- LEFFA, Vilson José. Malhação na sala de aula: o uso do exercício no ensino de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 139-158, 2008.
- LEFFA, Vilson José. Uma outra aprendizagem é possível: colaboração em massa, recursos educacionais abertos e ensino de línguas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, nº 55/2, p. 353-377, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200353&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 out. 2016.
- MORIN, Edgar. **O Método I: a natureza da natureza**. 2ª ed. Tradução: M. G. de Bragança. Portugal, Europa – América, 1977.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- OKADA, Alexandra. Colearn 2.0 - Coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais. **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v. 7, n. 1. p. 1-16, 2011.
- UNESCO. **Declaração REA de Paris em 2012**. UNESCO, Paris, 20 jun. 2012. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese_Declaration.html>. Acesso em: 30 jun. 2015.